

Encadeamentos argumentativos, relações sintagmáticas e associativas: reflexões sobre o ensino da leitura *

*Tânia Maris de Azevedo***

Resumo

Este artigo, fundado na Linguística saussuriana e na Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot, lança à discussão uma proposta de ensinar a leitura como compreensão de encadeamentos argumentativos constituídos por meio de relações sintagmáticas e associativas. Apresentarei, para tanto, os fundamentos teórico-epistemológicos da Teoria de Ducrot (ou seja, a noção de *valor*, e o pressuposto de que o sistema linguístico é composto por signos relacionados sintagmática e associativamente) e sua Teoria dos Blocos Semânticos, cuja tese primeira é a de que o sentido de enunciados/discursos se produz pela realização de encadeamentos argumentativos previstos na língua.

Palavras-chave

Ensino de leitura; encadeamento argumentativo; relações sintagmáticas e associativas

Abstract

This article, based on Saussure's Linguistics and on Oswald Ducrot's Argumentative Semantics, brings into discussion a proposal to teach reading as the understanding of argumentative sequences constituted by associative and syntagmatic relations. To do so, I will present the theoretical epistemological foundations of Ducrot's Theory (that is, the notion of value and the presupposition that the linguistic system is composed by signs syntagmatically and associatively related to each other). Besides that, I will also present his Theory of the Semantic Blocks, whose first thesis is that the meaning of enunciations/discourses is produced by the realization of argumentative sequences previewed in language.

Keywords

Teaching reading; argumentative sequence; syntagmatic and associative relations

* Artigo de autora convidada para o dossiê.

** Doutora em Letras – Linguística Aplicada. Professora pesquisadora no Programa Doutorado em Letras – Associação Ampla UCS/Uniritter e no Programa de Pós-Graduação Educação da Universidade de Caxias do Sul.

Comentários iniciais

A língua é, por excelência, um meio, um instrumento, obrigado a realizar constantemente e imediatamente seu objetivo, seu fim e efeito: se fazer compreender.

(Ferdinand Saussure)

Entre linguistas e falantes de uma língua, independentemente de maior ou menor eficácia e competência, há coincidências e, ao menos, uma diferença substancial. Uma das coincidências, talvez a principal delas, é o fato de ambos serem usuários de um sistema linguístico sempre posto em ação para a constituição de sentido nas interlocuções, sejam elas de que natureza, tipo, modalidade e objetivo forem. Já a diferença essencial entre eles diz respeito ao ponto de vista pelo qual olham, analisam, explicam e realizam o fenômeno linguístico.

Como assim? Tentarei explicar. O usuário, linguista ou não, faz da língua, como diz Saussure (ELG, 2006, p. 154. Grifos do autor)¹ na epígrafe acima, um instrumento para conferir sentido às suas interações verbais e, assim, suprir as demandas que a vida em sociedade lhe impõe. O linguista, ao transformar o sistema linguístico em objeto de estudo, lança sobre ele um olhar epistemológico, teórico e metodológico, cuja finalidade é descrever e explicar esse sistema, sua constituição e sua atualização (no sentido de pôr em ato) como fenômeno social e individual; em suma, tenta propor teorias capazes de elucidar a configuração (fonológica, lexical, sintática, semântica) do sistema e/ou o uso que dele fazem os interlocutores.

Há, ainda, um terceiro personagem a compor essa trama cujo protagonista é o sistema linguístico: o professor de língua, materna e/ou estrangeira, profissional responsável por tornar mais proficientes os intercâmbios verbais dos aprendizes. E este, também usuário de língua (que precisaria, por óbvio, ser um dos mais capacitados), tem o dever de ofício de contribuir proativamente para que seus alunos, interagindo oralmente e

¹ Para que o leitor tenha em conta a autoria das obras atribuídas a Ferdinand Saussure, apontarei em cada referência, antes do ano, CLG para *Curso de Lingüística Geral* e ELG para *Escritos de Lingüística Geral*. Aliás, cabe esclarecer a razão de diferenciar essas duas obras: o CLG foi editado por Charles Bally e Albert Sechehaye com base nas anotações de alunos de Saussure em três edições do Curso de mesmo nome; e o ELG, livro, organizado por Simon Bouquet e Rudolf Engler, reúne a transcrição fiel dos manuscritos do Mestre. O CLG foi publicado há cem anos, em 1916, três anos após a morte de Saussure; já o ELG foi publicado em 2002, na França, após a disponibilização dos manuscritos de Saussure por sua família.

por escrito, desenvolvam as habilidades exigidas pelas mais diversas situações enunciativas, incluídos aí os mais variados objetivos e enunciatários. Por esse raciocínio, creio ter deixado evidente que o professor de língua tem por profissão auxiliar no processo de qualificação e aprimoramento dos diferentes usos linguísticos que seus estudantes fazem e poderão vir a fazer.

Ora, meu caro leitor, se procurei esclarecer, grosso modo, essas diferenças e funções, não tive, no momento, outra razão a não ser a de demonstrar que além de todos esses papéis serem fundamentais, mas distintos, é preciso apontar para o fato de que, embora todos (falantes, linguistas e professores) sejam usuários de língua, cabe ao professor, por ser inerente à sua profissão, ensinar a usar proficientemente a língua, ensinar a produzir e a compreender sentidos. Entretanto, parece-me claro que é ao linguista que cabe a tarefa de descrever e explicar o sistema e os fenômenos linguísticos, ou melhor, é do linguista a incumbência de *falar sobre a língua*, pois não se insere no âmbito de ação dele (e aqui falo de papéis, funções, não de pessoas, que por certo podem ocupar mais de uma dessas posições) a preocupação e o ofício de ensinar a usá-la; é do linguista, e não do professor, o papel de fazer operar uma metalinguagem para estudar cientificamente a língua.

Tudo isso para dizer que o professor, ao reduzir o ensino de língua a nomenclaturas, regras e classificações, decididamente, não contribui para o desenvolvimento das habilidades que a interlocução eficaz exige, quer em termos de produção, quer de recepção, e é sobre este último processo/uso linguístico que quero me debruçar neste artigo.

Parece ser esse o quadro do ensino da leitura no Brasil, haja vista os últimos resultados em avaliações de desempenho como PISA², ENEM³, ENADE⁴. Os avaliados não compreendem o que leem, não conseguem entender as relações que constituem o sentido dos discursos escritos. De fato, essa é uma situação alarmante, pois como acessar e assimilar o conhecimento social, histórica e cientificamente produzido sem a compreensão leitora? O desempenho escolar, em qualquer nível, área ou disciplina é

² Programme for International Student Assessment.

³ Exame Nacional do Ensino Médio.

⁴ Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes.

tributário da compreensão do que se faz necessário ler.

Bem, diante disso e sem me aprofundar na análise desse complexo contexto que envolve a questão do desempenho em leitura (dadas as limitações de um artigo como este), o que trago à discussão da comunidade científica e escolar são os rudimentos de uma proposta para o ensino da compreensão leitora. Uma reflexão ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos de Saussure, Carel e Ducrot, mais especificamente nos conceitos saussurianos de *sistema*, *valor*, *relações sintagmáticas e associativas*, bem como nos conceitos de *encadeamento argumentativo* e *bloco semântico*, advindos da Teoria dos Blocos Semânticos, de Marion Carel e Oswald Ducrot.

Para a consecução do que me proponho aqui, começo por tratar dos referidos conceitos no âmbito da Linguística de Ferdinand Saussure.

Língua: um sistema de valores

Desde o tempo da Licenciatura em Letras, memorizei (e ainda percebo isso nos alunos desse Curso) que, para Saussure, a língua é um sistema de signos. Daí a entender o que tal definição significava era outra história, ou melhor, não havia história, pois não aprofundávamos nossos estudos nesse que foi o fundador da ciência Linguística, nesse gênio que quanto mais estudamos mais nos faz aprender com suas ideias.

Saussure (2004, p. 66), nos *Escritos de lingüística geral* (ELG), afirma que “[...] a língua só se alimenta, em sua essência, de oposições, de um conjunto de valores perfeitamente negativos, que só existem por seu contraste mútuo.” Eis aqui, em apenas um enunciado, o que Saussure entende por *língua*. Nesse enunciado estão os conceitos de *sistema*, *oposição*, *valor* e *signo*, colocados todos na mais clara demonstração de que falar em sistema é falar sistemicamente, isto é, todos os conceitos contidos nessa afirmação saussuriana estão efetivamente inter-relacionados, sendo impossível falar em um a não ser em relação a todos outros.

Para Saussure, então, não há como pensar em *língua* sem admitir um todo constituído pela oposição de suas partes, uma totalidade que se compõe justamente pela diferença relativa de seus integrantes, os signos. É nessa relação negativa, nessa oposição que os signos mantêm entre si, que os faz *valer* e possibilita a produção de sentido, que a língua é tida como sistema.

Continuando com o mestre genebrino, “Toda espécie de emprego que não caia no raio de ação de uma outra palavra não é apenas parte integrante, mas é também parte constitutiva do sentido dessa palavra, e essa palavra não tem, na realidade, outro sentido além da soma dos sentidos não reclamados.” (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 74). Essa asserção só vem ratificar, primeiro, o dito logo acima e, segundo, que uma palavra sozinha não existe, pois não tem valor, não tem sentido; é só no “emprego”, no uso que dela é feito, portanto, na inter-relação com todas as outras palavras realizadas por um uso particular, que uma palavra efetivamente *vale*, adquire seu sentido como fruto de sua relação com as demais atualizadas. Assim,

Uma palavra só existe verdadeiramente, de qualquer ponto de vista que se adote, pela sanção que recebe, a cada momento, daqueles que a empregam. É isso que faz com que ela difira de uma sucessão de sons, e que difira de uma outra palavra, mesmo composta da mesma sucessão de sons. (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 76).

Dito de outro modo, é no discurso – produzido por alguém, num determinado tempo/espço, com um dado objetivo – que uma palavra ganha sua verdadeira existência, ou seja, contrapondo às imprecisas interpretações dadas por muitos estudiosos pós-saussurianos de que ele havia desprezado, renegado a fala, o discurso, vemos aqui em um de seus manuscritos a perfeita indissociabilidade *língua-fala*: a *língua*, sistema de signos teoricamente abstraído dos usos que dele são feitos por uma comunidade linguística, só tem sentido de fato quando realizada pela fala, pela produção de discursos enunciativamente situados.

Para que os discursos possam ser produzidos e compreendidos, uma noção saussuriana capital é a de *valor*. Ao propor que “A língua só é criada com vistas ao discurso”, Saussure (ELG, 2004, p. 237) define o que entende por *discurso* e, assim, evidencia o papel do *valor* na constituição dessa unidade semântica complexa. Diz ele: “o discurso consiste, quer seja de maneira rudimentar e por vias que ignoramos, em afirmar um elo entre dois conceitos que se apresentam revestidos da forma linguística” (SAUSSURE, ELG, 2004, p. 237). Esse elo, de que fala o autor, é o que ele chama de *valor*, conceito basilar de toda a sua proposta de Linguística.

Para esse estudioso, um signo não tem nenhuma existência a não ser por oposição a todos os outros signos que compõem um sistema linguístico, e essa oposição é a base do valor de cada signo, quer intrinsecamente na relação significante/significado,

quer no interior do sistema de que fazem parte. Para Saussure (1989), no *Curso de Lingüística Geral* (CLG)⁵, um signo não é absolutamente nada, ele *vale*, precisamente pela diferença que mantém com todos os outros signos de um sistema linguístico, sendo que só adquire seu valor no discurso, nesse “elo” estabelecido entre os signos ali inter-relacionadamente realizados.

Na verdade, no contexto das ideias saussurianas, os signos adquirem sua identidade pela diferença que os constitui (significante e significado em oposição) e pela diferença que circunscreve a cada um na relação com todos os outros signos da língua.

O valor de um signo, de acordo com Saussure (CLG, 1989 e ELG, 2004), é determinado por dois tipos de relação que mantém com os outros signos do sistema: as relações sintagmáticas e as associativas, objeto do próximo tópico deste artigo.

Eixos cruzados que significam

Ferdinand de Saussure (CLG, 1989 e ELG, 2004) esclarece que as entidades linguísticas, sejam elas quais forem, se relacionam, por oposição e por diferença, em dois eixos, ambos geradores de valor: o eixo das *combinações* e o eixo das *associações*. Vamos a eles.

No discurso, seus constituintes (palavras, expressões) “estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (SAUSSURE, CLG, 1989, p. 142). Essas relações são, de fato, combinações que se realizam *in praesentia* – manifestas no discurso –, isto é, os termos são linear e sucessivamente dispostos pelo locutor⁶, formando o que Saussure (CLG, 1989, p. 142) denomina *sintagma*, duas ou mais unidades reciprocamente combinadas fonológica, sintática e semanticamente.

Seja, a título de ilustração, o enunciado (1):

(1) *O gato pulou no sofá.*

Eis um sintagma em que todas as unidades foram combinadas linear e subsequentemente: (a) fonologicamente, qualquer signo nesse enunciado só pode ser reconhecido pelos falantes do Português, porque o arranjo dos fonemas foi

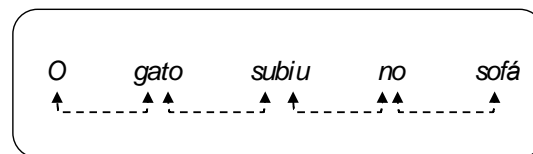
⁵ E não consigo ver que seja diferente no Saussure dos *Escritos de Lingüística Geral*.

⁶ *Locutor* aqui entendido, conforme Ducrot (1990), como um ser de discurso, uma figura discursiva, portanto, única e exclusivamente do contexto intralinguístico.

cuidadosamente combinado – se tivéssemos **loupu*, ao invés de *pulou*, também teríamos um arranjo fonológico, porém irreconhecível ao falante da língua portuguesa, por não se constituir um signo do sistema linguístico em questão; (b) sintaticamente, já que concordam, por exemplo, em gênero e número o artigo *O* e o substantivo *gato*, assim como há concordância entre o sujeito *O gato* e o verbo *pulou*; e (c) semanticamente, pois, se invertêssemos a ordem dos termos no enunciado, teríamos, na melhor das hipóteses, algo que só seria possível e admissível em contextos muito específicos, da ordem do literário, em que, por exemplo, num conto fantástico, tivéssemos algo como: *O sofá pulou no gato*.

Então, no enunciado (1), no interior de cada unidade e na relação entre elas, há combinações, ou o que Saussure (CLG, 1989) chama *relações sintagmáticas*, como demonstra a Figura 1 abaixo.

Figura 1 – Relação Sintagmática



Fonte: Elaboração da autora.

Não posso prosseguir sem antes rebater outra vez as maledicências de alguns linguistas quando criticam Saussure por ter excluído a *fala* de sua proposta da Linguística. Trago, por isso, mais uma prova da indissociabilidade língua-fala na teoria saussuriana. Ao finalizar o item *Relações sintagmáticas*, constam, já no CLG (obra em que se basearam vários estudiosos autores da referida crítica), as seguintes palavras outorgadas a Saussure:

Cumprе reconhecer, porém, que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual. Num grande número de casos, é difícil classificar uma combinação de unidades, porque ambos os fatores concorreram para produzi-la e em proporções impossíveis de determinar. (SAUSSURE, CLG, 1989, p. 145)

Não creio na necessidade de comentar essa citação, ela fala por si só e de maneira bastante clara. Dito isso, passo a tratar da segunda categoria de relações que conferem valor no âmbito do sistema linguístico: falo das *relações associativas*.

As *relações associativas* ocorrem, em conformidade com Saussure (CLG, 1989,

p. 145-147), na língua, não no discurso como as sintagmáticas, visto que são virtuais, potenciais, isto é, dizem da possibilidade que os signos têm de se vincularem uns aos outros por diversos critérios: uma “palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra.”.

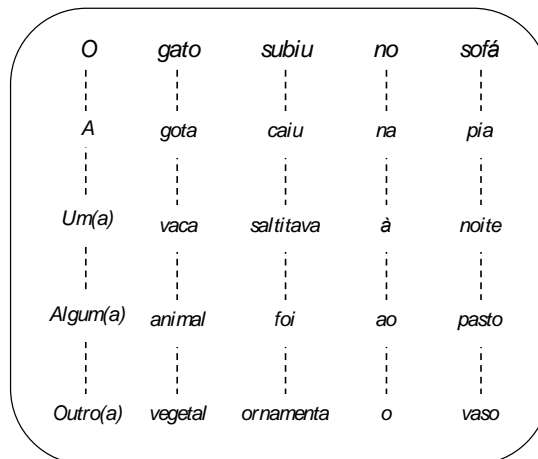
Essas relações são saussurianamente denominadas *in absentia*, ausentes do encadeamento discursivo. Saussure (ELG, 2004, p. 58) chega a fazer oposição entre o que chama *fala efetiva*, as relações sintagmáticas, e *fala potencial*, as relações associativas, e entende as últimas como: “coletividade de elementos concebidos e associados pelo espírito, ou regime no qual um elemento leva uma existência em meio a outros elementos possíveis.”.

Vamos a uma tentativa de exemplo. Considere-se, ainda, o enunciado (1):

(1) *O gato subiu no sofá.*

Ao produzir e atualizar esse enunciado, o locutor selecionou cada termo de uma cadeia associativa em que outros termos poderiam ter sido realizados. Algumas possibilidades de associação encontram-se na Figura 2 abaixo.

Figura 2 – Relação Associativa



Fonte: Elaboração da autora.

Situações enunciativas orais cujo tema seja, digamos, delicado de tratar, ou situações de produção escrita, em geral, nos deixam mais conscientes desse processo de escolha (de termos, construções sintáticas/semânticas, explicitações e implicações) diante das várias possibilidades que a língua nos oferece. Ouso dizer que quanto mais alto o nível de formalidade exigido pelo contexto discursivo, maior é o grau de consciência

que temos do mecanismo de seleção dessas relações, sintagmáticas e associativas.

Acima me restringi às situações de produção discursiva, oral e escrita, mas na leitura não é diferente; o que ponho em discussão neste artigo é justamente a necessidade de qualificar a compreensão leitora pela percepção e pelo conseqüente entendimento de tais relações frente ao que foi realizado enunciativamente pelo locutor do discurso lido.

Penso que uma leitura efetivamente proficiente seja aquela não limitada ao que foi atualizado, mas considera e compreende as combinações e associações que estão na origem do que foi produzido. Talvez, e essa é uma hipótese a ser investigada, o processo de leitura capaz de contribuir significativamente para o aprimoramento das produções escritas seja aquele em que o leitor aprenda a compreender não só o conteúdo temático do discurso lido mas também a trama de relações que o urde com vistas à constituição do sentido.

É chegada a hora de questionar o postulado pedagógico de que é preciso ler mais para escrever melhor, ao menos é o que muitos professores continuam dizendo aos alunos com dificuldades na produção escrita. Suponho, entretanto, que não seja a quantidade de leitura o fator determinante da qualidade da produção escrita; para a qualificação da escrita, pouca é a contribuição da leitura cujo foco recaia somente sobre o conteúdo informacional do discurso; o que me parece poder influenciar o desempenho na produção escrita é a qualidade da leitura feita, não sua quantidade: lendo *o que* o locutor disse mas também *como* disse, *quais* e *como fez* as diferentes combinações e as possíveis associações, é provável que o leitor possa transferir as estratégias percebidas na leitura para sua própria produção. Lembre-se o leitor deste artigo: essas ainda são somente conjecturas a serem devidamente investigadas.

Com o intuito de tentar esclarecer essa ideia e contribuir com a aprendizagem/o ensino da leitura, da compreensão leitora, passo a apresentar resumidamente (e na esperança de, com isso, não comprometer os pressupostos da Teoria da Argumentação na Língua) a Teoria dos Blocos Semânticos e, dentre outros, os conceitos de *encadeamento argumentativo* e *bloco semântico*, elaborados por Marion Carel e Oswald Ducrot.

Encadeamentos e blocos: a constituição do sentido

A *Teoria da Argumentação na Língua* (TAL) foi elaborada por Jean-Claude Anscombe e

Oswald Ducrot há mais de trinta anos e tem na *Teoria dos Blocos Semânticos* (TBS) sua mais recente versão, esta formulada inicialmente por Marion Carel como sua tese de doutorado, sob a orientação de Oswald Ducrot, em 1992, e desenvolvida por ambos até o presente momento⁷. É sobre a TBS que fundamentarei o que proponho neste artigo.

Toda a TAL tem seus alicerces nos pressupostos da linguística de Ferdinand Saussure, justamente por se tratar, como diz seu fundador, de “uma aplicação do estruturalismo saussuriano à semântica linguística, na medida em que, para Saussure, o significado de uma expressão reside nas relações dessa expressão com outras expressões da língua.” (DUCROT, 2005a, p. 11. Tradução minha⁸). No entanto, segundo Ducrot, Saussure deixa “relativamente vaga” essa “noção de relação de um signo com outros” (DUCROT, 2005a, p. 11. Tradução minha⁹), e a TAL propõe que as relações semanticamente pertinentes sejam as argumentativas, mais especificamente, os encadeamentos argumentativos em *DONC* (DC) e em *POURTANT*¹⁰ (PT) que possam existir entre um signo e outro. Então, os encadeamentos em DC ou em PT “autorizados por um signo são os que constituem seu sentido.” (DUCROT, 2005a, p. 11. Tradução minha¹¹).

Do mesmo modo que, para Saussure (CLG, 1989), o significado de um signo não mantém qualquer tipo de relação com seu referente no mundo nem é formado por coisas ou ideias, mas pela relação que tem com outros signos, sendo tanto seu significante como seu significado de natureza estritamente linguística¹², para Ducrot (2005a, p. 12. Tradução minha¹³), os encadeamentos em DC ou em PT “não se baseiam na informação que levam consigo os segmentos encadeados. [...] o sentido se baseia na argumentação”,

⁷ Para maior detalhamento do histórico da TAL, ver CAREL e DUCROT, 2005a.

⁸ Tradução livre de: “una aplicación del estructuralismo saussuriano a la semántica lingüística en la medida en que, para Saussure, el significado de una expresión reside en las relaciones de esa expresión con otras expresiones de la lengua.”

⁹ Tradução livre de: “noción de ‘relación de un signo con otros’”.

¹⁰ DC é a abreviatura usada por Ducrot e Carel para o conector DONC, que, em Português, na maioria dos casos, equivaleria a PORTANTO, enquanto PT é usada para o conector POURTANT, cujo equivalente em Português seria, normalmente, NO ENTANTO. No âmbito deste artigo, por se tratar de uma categoria de conectores, entidades abstratas teoricamente criadas – logo, uma metalinguagem –, opto por manter as abreviaturas e os dois conectores-tipo em Francês. O uso das maiúsculas tem a mesma razão.

¹¹ Tradução livre de: “autorizados por un signo son los que constituyen su sentido.”

¹² Para aprofundamentos, consultar o capítulo intitulado *Natureza do signo linguístico*, do CLG.

¹³ Tradução livre de: “no se basan en la información que conllevan los segmentos encadenados. [...] el sentido se basa en la argumentación.”

preservando-se, assim, o pressuposto saussuriano. Isto posto, Ducrot (2005a) diz que o sentido de uma entidade linguística se constitui pelos discursos argumentativos possíveis de serem encadeados a ela: a argumentação não se soma ao sentido, mas o constitui.

Segundo Ducrot (2005b), a TBS concebe o sentido de uma entidade linguística – uma palavra ou um enunciado – como constituído pelos discursos evocados por essa entidade e chama a esses discursos *encadeamentos argumentativos*.

Vejamos agora como se configuram os chamados pela TBS *encadeamentos argumentativos*.

Os encadeamentos argumentativos assumem, no escopo da TBS, a formulação *X CONECTOR Y*, na qual X e Y são os dois segmentos que compõem o encadeamento unidos por um *CONECTOR*, que na TBS só pode ser do tipo de *DONC* ou do tipo de *POURTANT*. Os conectores do tipo de *DONC* se realizam nos enunciados de uma dada língua como *portanto, pois, então, por isso, por conseguinte* etc; e os do tipo de *POURTANT*, como *no entanto, entretanto, ainda que, apesar de* etc. Tomemos como exemplo os enunciados abaixo que realizam encadeamentos *normativos* ou do tipo de *DONC*:

O carro está limpo, portanto podemos passear

O carro está limpo, então podemos passear

O carro está limpo, por isso podemos passear

O carro está limpo, por conseguinte podemos passear

Na sequência, alguns enunciados que atualizam encadeamentos *transgressivos* ou do tipo de *POURTANT*:

O carro está limpo, no entanto não podemos passear

O carro está limpo, entretanto não podemos passear

Ainda que o carro esteja limpo, não podemos passear

Apesar de o carro estar limpo, não podemos passear

Convido o leitor a perceber que em qualquer um dos enunciados acima há o que Ducrot (2005a) chama *interdependência semântica*: um segmento só adquire sentido na relação que estabelece com o outro. Em todos os enunciados acima tem-se um segmento como *limpeza do carro* e outro como a *possibilidade de passeio*; não se trata em nenhum dos casos de qualquer condição do carro ou de qualquer saída, trata-se da *limpeza* que

possibilita ou impede o *passeio*. Ou melhor, a relação entre os dois segmentos de todos os enunciados é que constitui o sentido de cada um deles: a *limpeza do carro* e a *possibilidade de passeio* são semanticamente interdependentes, já que nenhum desses segmentos tem sentido sozinho.

Assim, a relação que, para Ducrot, constitui o sentido das entidades linguísticas é a interdependência semântica na relação argumentativa. E como o encadeamento argumentativo, segundo o autor (DUCROT, 2005a), só tem uma realidade discursiva, ou seja, é estritamente linguístico, não há entre os segmentos que o constituem nenhuma inferência, nenhuma dedução. Para Ducrot, a “semântica estrutural implica, com efeito, que não é possível descrever as palavras por meio de elementos não linguísticos.” (DUCROT, 2005a, p. 11 – tradução minha¹⁴).

Ducrot (2005a) afirma, também, que os encadeamentos, normativos, do tipo de DONC (DC), e transgressivos, do tipo de POURTANT (PT), pertencem ao que ele chama *aspectos*.

Tento explicar. Examinemos o enunciado (2):

(2) *O carro está limpo, portanto podemos passear*

formalizado por $X DC Y$. Nesse encadeamento, o que é pertinente para a argumentação, o que permite dizer *donc* (*portanto*), é *limpeza* e *passeio*, respectivamente *A* e *B*. *A* e *B* são as entidades linguísticas constantes, repetíveis, nos oito diferentes aspectos que esse encadeamento permite.

$A DC B$

$A PT Neg^{15}-B$

$Neg-A PT B$

$Neg-A DC Neg-B$

Esses aspectos formam um *bloco semântico*, já que em cada um deles é produzida a mesma interdependência semântica entre *A* (*limpeza*) e *B* (*passeio*). Já os aspectos

$A DC Neg-B$

$A PT B$

¹⁴ Tradução livre de: “semântica estrutural implica, en efecto, que no es posible describir las palabras a través de elementos no lingüísticos.”

¹⁵ *Neg* corresponde à formalização da negação.

Neg-A DC B

Neg-A PT Neg-B

formam um outro *bloco semântico* pelo fato de a relação de interdependência *A* e *B* ser idêntica, porém a partir da negação de *B*, isto é, da *limpeza* que impede o *passeio*.

Um *bloco semântico* é, então, uma totalidade de sentido constituída por dois conceitos indissociáveis sob a forma de quatro aspectos, quer normativos, quer transgressivos. Vejamos, como faz Ducrot (2005a), como isso funciona. No enunciado (2),

(2) *O carro está limpo, portanto podemos passear,*

os elementos pertinentes, aqueles que permitem dizer *portanto*, são *A*, *limpeza* e *B*, *passeio*, sendo que (2) pertence ao aspecto *A DC B*, a *limpeza* que possibilita o *passeio*.

Por outro lado, se analisarmos o enunciado (3),

(3) *O carro está limpo, no entanto não podemos passear,*

que pertence ao aspecto *A PT Neg-B*, perceberemos que *A*, *limpeza*, e *B*, *passeio*, continuam mantendo a mesma interdependência semântica que mantinham no enunciado (2), só que em (3) trata-se da *limpeza* que impede o *passeio*. Assim, (2) e (3) claramente pertencem ao mesmo bloco semântico, já que a interdependência entre *A* e *B* é idêntica nos dois encadeamentos. Se fizermos o mesmo procedimento com os outros dois aspectos, *Neg-A DC B* e *Neg-A PT Neg-B*, do primeiro bloco semântico, veremos igual interdependência de sentido entre *A* e *B*. O leitor pode testar isso, não o farei aqui para não me estender demasiadamente. De igual modo, a interdependência *A-B* manter-se-á a mesma entre os aspectos do segundo bloco, constituído pelos aspectos

A DC Neg-B

A PT B

Neg-A DC B

Neg-A PT Neg-B,

pois Ducrot (2005a) ressalta que a interdependência semântica pode ser a mesma em encadeamentos do tipo de DC ou do tipo de PT, desde que se faça intervir a negação.

Voltemos ao nosso exemplo que relaciona a limpeza do carro à possibilidade de passeio. Seja um enunciado como (04),

(04) *O carro está limpo, portanto não podemos passear*

Nesse enunciado, de igual forma, as entidades linguísticas pertinentes para a argumentação em *portanto* continuam sendo *A*, *limpeza* e *B*, *passeio*, e entre elas, ainda que diante da negação, a significação, a interdependência semântica permanece inalterada, quer dizer, tem-se ainda a limpeza que permite ou não o passeio, e o passeio que é tributário da limpeza para se realizar ou não.

Então, nos oito aspectos que constituem os dois blocos semânticos, a interdependência dos conceitos que formam esses blocos é exatamente a mesma em cada um deles, porém, a influência de *A* sobre *B* e de *B* sobre *A* é diferente em cada bloco. Por exemplo, nos encadeamentos pertencentes ao bloco 1,

limpeza DC passeio

limpeza PT Neg-passeio

Neg-limpeza PT passeio

Neg-limpeza DC Neg-passeio,

temos a *limpeza* que possibilita o *passeio* e o *passeio* que é viabilizado pela *limpeza*. Já nos encadeamentos que constituem o bloco 2, temos a *limpeza* que impede o *passeio* e o *passeio* que é inviabilizado pela *limpeza*, como se vê abaixo:

limpeza DC Neg-passeio

limpeza PT passeio

Neg-limpeza DC passeio

Neg-limpeza PT Neg-passeio.

É possível constatar, então, que *limpeza* e *passeio* mantêm entre si, em cada bloco, a unidade semântica que torna esses segmentos indissociáveis. Ducrot (2005b, p. 35 – tradução e grifo meus¹⁶) alerta para o fato de haver três possibilidades para a relação entre os dois blocos: “ou há a troca de sentido, ou um dos blocos é um *sem sentido*, ou ainda um dos blocos é doxal e o outro paradoxal.”

À guisa de conclusão do capítulo que congrega uma introdução à TBS, Ducrot (2005a) faz alguns esclarecimentos que, por importantes, reproduzo aqui:

Em primeiro lugar, um encadeamento argumentativo de discurso não é uma relação entre duas informações. O que importa em um encadeamento de discurso é o conector. [...] Em segundo lugar, a interdependência semântica entre os segmentos *A* e *B* pode ser a mesma ainda que com conectores distintos. Concluímos disso que o

¹⁶ Tradução livre de: “o bien hay cambio de sentido, o bien uno de los bloques es un sinsentido, o bien uno de los bloques es doxal y el otro paradójico.”

encadeamento argumentativo é totalmente diferente da colocação em relação de duas informações. [...] Qualquer segmento de discurso pode unir-se a outro desde que para isso se utilize o conector adequado. (DUCROT, 2005a, p. 24. Tradução minha¹⁷ e grifos do autor)

Quatro aspectos pertencem a um mesmo bloco por estarem vinculados por uma mesma interdependência semântica, ou seja, devido ao fato de os dois segmentos, *A* e *B*, estarem influenciados da mesma forma por sua presença no encadeamento. Ducrot (2005b) formaliza essa noção de *bloco semântico* por meio da noção de *quadrado argumentativo*, que apresentarei a seguir.

O quadrado argumentativo evidencia as possibilidades que o sistema linguístico oferece para a conexão dos quatro aspectos de um mesmo bloco semântico, explicitando as diferentes conexões entre os segmentos *A* e *B*, bem como três tipos de relação que os aspectos mantêm entre si em cada bloco. As conexões normativa, em *donc*, e transgressiva, em *pourtant*, são representadas, no quadrado, por CON e CON', respectivamente; e as relações entre os aspectos são as de *conversão*, *reciprocidade* e *transposição*.

Explicarei cada uma das três relações entre aspectos para, na sequência, apresentar o quadrado e como estão nele dispostos os aspectos e as referidas relações.

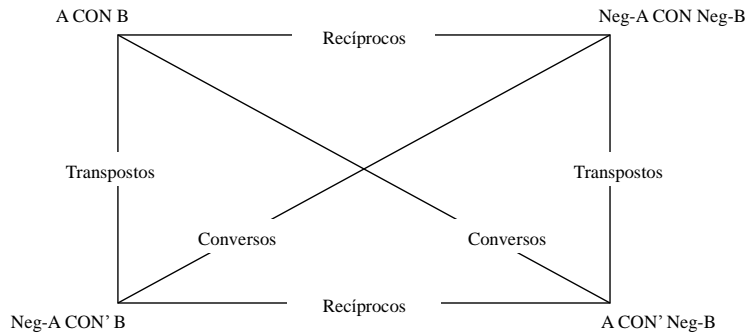
Consoante Ducrot (2005b), a relação de *conversão* é muito próxima de uma negação, isto é, um aspecto *A DC B*, por exemplo, manteria uma relação de *conversão* com o aspecto *A PT Neg-B*. A relação de *reciprocidade* é estabelecida entre aspectos contrários, como *Neg-A PT B* e *A DC B*. Já, na relação de *transposição* ocorre uma espécie de retificação e poderia ser parafraseada discursivamente por conectores como *em todo o caso*, *ao menos*, *inclusive*, *é mais*.

Não vou detalhar tais relações entre os aspectos de um bloco semântico¹⁸, pois meu objetivo neste artigo é o de mostrar como se configuram as possibilidades de atualização dos encadeamentos argumentativos que um sistema linguístico congrega e

¹⁷ Tradução livre de: “En primer lugar, un encadenamiento argumentativo de discurso no es una relación entre dos informaciones. Lo que importa en un encadenamiento de discurso es el conector. [...] En segundo lugar, la interdependencia semántica entre los segmentos *A* y *B* puede ser la misma aun con conectores distintos. Concluimos de ello que el encadenamiento argumentativo es totalmente diferente de la puesta en relación de dos informaciones. [...] Cualquier segmento del discurso puede unirse a otro, a condición de que para ello se utilice el conector adecuado.

¹⁸ Para maior detalhamento, ver Ducrot (2005b).

como esse leque de possibilidades pode ser usado a serviço da qualificação da compreensão leitora. Reproduzo a seguir a figura elaborada por Ducrot (2005b, p. 41 – tradução minha), intitulada Quadrado argumentativo.



Aqui, caro leitor, começam minhas conjecturas. A primeira delas diz da relação existente entre o quadrado argumentativo de Ducrot e as relações sintagmáticas e associativas de Saussure¹⁹.

Cada aspecto, e cada encadeamento dele resultante, tem seu sentido constituído sintagmaticamente por uma relação entre os segmentos por meio de um conector. Voltemos ao nosso exemplo. No enunciado (2),

(2) *O carro está limpo, portanto podemos passear,*

o sentido é produzido sintagmaticamente – sucessiva e linearmente – pela relação entre o segmento *X*, *o carro está limpo*, o conector do tipo de *DONC, portanto*, e o segmento *Y*, *podemos passear*. E quando digo *sucessiva e linearmente*, ou melhor, quando Saussure (CLG, 1989 e ELG, 2004), diz isso, em nada fica comprometida a *interdependência semântica* dos aspectos *A* e *B* atualizados em (2), pois, como já examinamos aqui, *A*, *limpeza*, e *B*, *passeio*, definem-se reciprocamente em todos os aspectos de um mesmo bloco.

Por outro lado, o quadrado argumentativo de Ducrot põe à mostra as relações associativas entre os aspectos de um mesmo bloco, as quais formam o conjunto de possibilidades, inscritas na língua, que o locutor pode atualizar na produção de seu discurso, dependendo do sentido que quiser constituir.

¹⁹ Conforme o que tratei no tópico anterior deste artigo.

Exemplifico. Ao atualizar em (2) o aspecto *A DC B*, o locutor de (2) fez uma escolha dentre os quatro aspectos que pertencem ao bloco em questão, deixando de concretizar em seu enunciado os outros três aspectos, *A PT B*, *Neg-A DC B* e *Neg-A PT Neg-B*.

A segunda conjectura que trago à discussão refere-se à qualificação da compreensão leitora com base no reconhecimento de todas essas combinações e associações semânticas que o leitor proficiente deveria ser capaz de fazer diante do que foi realizado linguisticamente pelo locutor do discurso lido.

Últimas provocações

Minha intenção neste trabalho foi a de apresentar e explicar, mesmo que de forma breve, dois aportes teóricos que combinados possam, após a devida, e consideravelmente complexa, transposição didática, subsidiar o professor no que tange ao aprimoramento da compreensão leitora dele mesmo e de seus alunos.

Penso que a união dos pressupostos saussurianos relativos ao processo de constituição do sentido das produções discursivas dos usuários de uma língua – particularmente os conceitos de *sistema*, *oposição*, *valor*, bem como as *relações sintagmáticas e associativas* – com o aporte dos conceitos de *encadeamento argumentativo*, *aspecto* e *bloco semântico*, integrantes da *Teoria da Argumentação na Língua*, especialmente de sua versão mais recente, a *Teoria dos Blocos Semânticos*, de Marion Carel e Oswald Ducrot, possa contribuir substancialmente para a qualificação da compreensão leitora, como acredito ter demonstrado minimamente nas páginas precedentes.

Entre linguistas e professores de língua, afirmar que o sentido de um discurso está nas interconexões das palavras e dos enunciados que o compõem como unidade semântica chega a ser de uma obviedade pueril. Entretanto, apontar uma perspectiva para desvelar o processo de formação dessas interconexões e daquelas que, em nível de sistema linguístico, deixaram de ser concretizadas no discurso por seu locutor me parece congrega alguma contribuição tanto aos estudiosos quanto aos professores de língua.

A *Teoria dos Blocos Semânticos* aliada ao projeto linguístico de Saussure, em minha opinião, abre um terreno fértil para o estudo e o ensino da leitura, em geral, e da

compreensão leitora, em particular.

Finalizo essas reflexões com um convite aos linguistas e aos professores de língua para pensarmos juntos na transposição didática dos preceitos teórico-metodológicos aqui apresentados.

Referências

DUCROT, Oswald. Introducción. Conferencia 1. In CAREL, Marion e DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Edição literária e tradução de Maria Marta G. Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005a.

_____. Los bloques semánticos y el cuadrado argumentativo. Conferencia 2. In: CAREL, Marion e DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Edição literária e tradução de Maria Marta G. Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005b.

_____. *Polifonía y argumentación* – conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali, Universidad del Valle, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004. (Organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil).

_____. *Curso de lingüística geral*. 20. ed., São Paulo: Cultrix, 1989.